

Relações parassociais no contexto da inteligência artificial

Parasocial relationships in the context of artificial intelligence

Mariana Dias Almeida^a, Pedro Xavier Lodônio^b,
Pedro Henrique Elias Pereira^c, Hércules Antonio Prado^d

^a marianadiash123@gmail.com

^b pedrolodonio20@gmail.com

^c eliaspedrohenrique89@gmail.com

^d prado.hercules@gmail.com



Data de submissão: 15/08/2025

Data de aceite: 12/10/2025

Resumo

Objetivo: Examinar como os relacionamentos parassociais com IAs afetam a construção de um ambiente digital saudável e que princípios éticos devem ser seguidos no desenvolvimento dessas tecnologias.

Metodologia: A metodologia utilizada é a de pesquisa bibliográfica exploratória, a qual investiga a evolução do conceito de relação parassocial e a maneira que a evolução tecnológica interfere no estabelecimento dessas relações.

Resultados: A pesquisa mostrou como as relações parassociais se modificaram com a evolução tecnológica, de uma relação unilateral (mídias tradicionais) para uma reciprocidade percebida (redes sociais) e, com os avanços das tecnologias de inteligência artificial, para uma reciprocidade simulada.

Implicações práticas/gerenciais: Desenvolvedores devem ter uma nova abordagem ética para o design que priorize o bem-estar do usuário e seja sensível às necessidades humanas.

Implicações Sociais: A disseminação de IAs que simulam as conexões humanas reais levanta um debate sobre a substituição das relações humanas. Para garantir que o meio digital permaneça saudável, são necessárias regulamentações que protejam o usuário. Urge uma discussão para evitar que as companhias artificiais afetem laços interpessoais reais.

Palavras-chave: Relação Parassocial, Inteligência Artificial, Chatbots, Deathbots.

Abstract

Purpose: Examine how parasocial relationships with AIs can affect the development of a healthy digital environment and identify the ethical principles that should guide the creation of these technologies.

Methodology: This study was developed with an exploratory literature review to trace the evolution of the concept of a parasocial relationship and how technology changed the way these connections are established.

Results: The findings reveal how parasocial relationships have evolved as technology has progressed, from a unilateral model (mass communication media) to one of perceived reciprocity (social media), and recently, to a simulated reciprocity powered by artificial intelligence.

Practical/Managerial implications: Developers must have a new ethical design policy that is sensitive to human needs and prioritizes human well-being.

Social Implications: The proliferation of AIs that simulate human relationships raises a concern about the potential displacement of real connections. Ensuring a healthy digital environment requires new regulations that protect users. A societal discussion is needed to prevent artificial companionship from replacing authentic interpersonal bonds.

Keywords: Parasocial relationships, Artificial Intelligence, Chatbots, Deathbots.

1. Introdução

As relações humanas desempenham papel central na construção social, podendo estar tanto no contexto familiar, afetivo, profissional quanto comunitário. Com o passar dos anos, a tecnologia permitiu que um novo tipo de conexão fosse estabelecido, não somente aquelas que são mediadas pelas redes sociais, mas também **conexões** entre o ser humano e a própria máquina.

Nesse contexto, destaca-se o conceito de relação parassocial (RP), descrito inicialmente por Horton e Wohl (1956/2006) ao observar o vínculo afetivo unilateral entre os telespectadores e personalidades midiáticas. Esses autores apontaram a capacidade que esses vínculos, mesmo sem reciprocidade, são capazes de influenciar percepções, comportamentos e emoções do indivíduo. Entretanto, na atualidade, a superexposição de momentos da rotina diária de personalidades de mídia nas redes sociais causa no indivíduo uma falsa percepção de intimidade e reciprocidade nesse tipo de interação (Bond, 2016). Em suma, o conceito de RP consiste em um vínculo unilateral entre indivíduo e ser fictício, ou seja, a conexão emocional e não recíproca que surge da interação humana com seres inanimados (Ho, Hancock & Miner, 2018).

Ademais, com a expansão e investimento nas ferramentas de inteligência artificial (IA), a possibilidade de interações emocionalmente significativas com figuras virtuais, cada vez mais próximas do comportamento humano, aumenta. Plataformas como o *Character.AI* e *Replika* permitem interações personalizadas com personagens digitais que exibem traços de personalidade, memória e até empatia, favorecendo o desenvolvimento de laços emocionais unilaterais e ilusão de reciprocidade (Laufer, 2024). Em estudos recentes, Costa e Almeida (2021) expõem que o uso de *chatbots* como ferramenta de auxílio na saúde mental e em contextos emocionais não é novo, mas cresce juntamente com o avanço tecnológico e a maior acessibilidade a esses sistemas. O uso desse tipo de tecnologia reforça a necessidade de reflexão acerca das implicações éticas e sociais que os relacionamentos entre humano e máquina podem ocasionar.

Este estudo concentra-se, portanto, nas RP virtuais mediadas por inteligência artificial, buscando compreender os impactos emocionais e sociais desses vínculos, focando nas

consequências do envolvimento afetivo com representações simuladas do comportamento humano. A aproximação intensa com o virtual traz à tona um questionamento essencial sobre os limites entre o real e o fictício e a necessidade de entender como as RP com IA podem influenciar os comportamentos, as emoções e a percepção da realidade pelo indivíduo. Sob este prisma, a presente investigação busca analisar criticamente esse fenômeno, articulando a fundamentação teórica clássica sobre as RP e como se modificaram com a evolução tecnológica.

2. Metodologia

Essa pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica acerca das RP, visando a sintetização e discussão sobre como a evolução tecnológica, desde os meios de comunicação em massa tradicionais até as plataformas interativas movidas por inteligência artificial, modificou a maneira como esses relacionamentos se estabelecem. A revisão literária sobre as teorias que compõem o trabalho científico pode ser denominada como uma pesquisa bibliográfica (Pizzani *et al.*, 2012), que de acordo com o autor tem como um de seus objetivos centrais embasar teoricamente a discussão de um trabalho científico.

A fase inicial desse estudo consistiu em uma pesquisa exploratória, realizada na base de dados do Google Acadêmico. Esse levantamento abrangeu os estudos precursores que introduziram o conceito de parassocialidade, publicados a partir de 1956, até a literatura contemporânea, tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa. A busca inicial retornou cerca de 505 resultados, dos quais foram selecionadas 20 referências preliminares alinhadas à temática do estudo, com base na análise de resumos e palavras-chave de cada uma. A revisão detalhada desses elementos possibilitou a seleção de referências pertinentes ao presente artigo. Além disso, outro critério de seleção dos artigos foi a abordagem da confluência entre a evolução tecnológica e as transformações nos relacionamentos parassociais e para respeitar esse critério foram utilizados os descritores: “relação parassocial/*parasocial relationship*”, “*chatbots*”, “*deathbots*” e “IA/AI”.

Além da revisão bibliográfica, foram selecionados casos práticos e aplicações contemporâneas que ilustram o fenômeno das relações parassociais com a inteligência artificial. A

seleção dos casos levou em consideração os seguintes critérios: relevância acadêmica e social para o debate acerca de vínculos parassociais e a diversidade dos contextos de aplicação. Esses critérios foram importantes para assegurar que os exemplos demonstrem não só a aplicabilidade conceitual, mas também permitam uma análise crítica do fenômeno.

3. Fundamentação teórica

O conceito de relação parassocial surgiu com a ascensão dos meios de comunicação em massa como rádio, televisão e cinema. Pode ser chamado de um relacionamento parassocial a relação unilateral estabelecida entre uma pessoa e uma personalidade midiática (Horton & Wohl, 1956/2006). No contexto de programas de televisão, por exemplo, o apresentador interage com a audiência diretamente, criando uma ilusão de proximidade com o espectador, e essa percepção ilusória de conversação pode ser definida como interação parassocial (Horton & Wohl, 1956/2006). Segundo Horton e Wohl (1956/2006), as interações nesse tipo de relação são restritas e totalmente dominadas pela personalidade de mídia, posto que não existe a possibilidade de interação direta da audiência com a personalidade e, conseqüentemente, não havia conversação para se desenvolver a relação de maneira mútua.

Entretanto, na atualidade, essas interações acontecem de maneira mais direta devido ao surgimento das redes sociais que permitem interação direta com personalidades de mídia, enquanto na década de 80, por exemplo, eram limitadas as informações fornecidas por celebridades em entrevistas de revista ou televisão (Bond, 2016). As postagens feitas em redes sociais por personalidades midiáticas criam uma atmosfera de intimidade com a audiência, posto que o compartilhamento de momentos do dia a dia, gostos e preferências pessoais passa essa falsa sensação para o público. A capacidade da personalidade de mídia de criar uma imagem capaz de gerar uma farsa acerca da proximidade e familiaridade é definida como intimidade performática (Bond, 2016).

Ademais, há uma tendência de desenvolvimentos de *chatbots* - alimentados por IA- para servirem como fontes de interações sociais e companhia para o usuário, principalmente com a facilidade de acesso que proporcionam ao indivíduo que pode acessá-los ao instalar um

aplicativo no celular (Coghlan, *et al.*, 2023; Bresco & Jiménez-Alonso, 2024).

Parte desses *chatbots* integra o campo da saúde mental e a torna mais acessível para os indivíduos, e, além disso, em alguns casos indivíduos introvertidos conseguem desenvolver vínculos emocionais com esses *bots*, porém isso só ocorre caso as expectativas do usuário sejam atingidas de maneira eficaz e sem falhas (Coghlan, *et al.*, 2023).

Outrossim, de acordo com Brescó e Jiménez-Alonso (2024), outra parte desses projetos em desenvolvimento trata-se de *griefbots*, *chatbots* criados a partir dos registros digitais de pessoas falecidas que são capazes de oferecer aos enlutados uma “conversa” com os entes queridos. As ações humanas são caracterizadas pela mediação, ou seja, a forma como se utilizam ferramentas para enfrentar uma situação, por exemplo, o luto (Bresco & Jimenez-Alonso, 2024 *apud* Wertsch, 1998).

Ainda de acordo com Brescó e Jiménez-Alonso (2024), os *deathbots* funcionam como ferramenta de mediação, uma vez que fornecem um contato bilateral capaz de emular o comportamento do falecido. Todavia, a ilusão de que os *deathbots* podem gerar dependência emocional no enlutado e comprometer sua autonomia, já que esses *chatbots* ajudam na manutenção de um laço contínuo entre o falecido e a pessoa que está enfrentando o processo de luto (Brescó; Jiménez-Alonso, 2024).

4. Mecanismos psicológicos das relações parassociais com IA

As RP, que até então eram estudadas no contexto da simples observação de figuras da mídia como artistas, apresentadores e personagens de filmes e séries, assumem uma nova forma nas interações por meio de IA. Os *chatbots*, especialmente aqueles que utilizam a linguagem natural e design afetivo, ou seja, que são treinados para agir como pessoas, reconhecer, simular e responder às emoções humanas, intensificam os laços emocionais unilaterais, dificultando ainda mais a diferenciação das relações sociais reais.

Segundo Maeda e Quan-Haase (2024), esse novo formato de RP surge da combinação entre o já citado, design afetivo, trazendo um comportamento responsivo às emoções do usuário e mecanismos de antropomorfismo. Em outras palavras, quando o *bot* é projetado para

parecer sensível, capaz de ter desejos e senso crítico, as pessoas experimentam a falsa sensação de estarem diante de uma pessoa e não de um ser inanimado. Os mecanismos psicológicos presentes nessas relações, são, principalmente:

- **Antropomorfismo:** é a capacidade de atribuir a animais, objetos e elementos da natureza características, sentimentos e emoções humanas. Ainda segundo Maeda e Quan-Haase (2024), quanto mais a IA simula o comportamento humano, trazendo senso de humor, memória e empatia, por exemplo, mais forte é a antropomorfização percebida. Dessa forma, é mais fácil o surgimento de vínculos emocionais, principalmente para o público mais sensível, ainda que o usuário esteja ciente de que está acontecendo uma troca com um ser artificial. Também dentro do antropomorfismo, há a percepção de que a IA possui intenções, vontades e opiniões, apresentando um certo nível de autonomia, obviamente simulada, mas que intensifica a percepção de que se trata de um ser consciente.
- **Ilusão de reciprocidade:** a IA é capaz de adaptar as suas respostas e comportamento de acordo com o desejo e a emoção do usuário. Essa torna-se mais uma ferramenta que reforça a ideia de troca e intimidade com aquele sistema, criando a **sensação** de envolvimento mútuo. Essa habilidade é desenvolvida por meio de modelos de linguagem como os *Large Language Models*, que permitem que a IA entenda perguntas complexas, seja coerente, reconheça ironia e emoções, ou seja, traduza a linguagem humana através de padrões (Maeda & Quan-Haase, 2024).
- **Projeção emocional:** como destacado por Costa e Almeida (2021), os *chatbots* têm sido usados como ferramentas no meio psíquico há anos e, inclusive, surgiram com essa proposta no ano de 1966 com a criação da Eliza, um *bot* que imitava uma psicoterapeuta. Através desse meio, foi observado que os usuários tendem a projetar suas expectativas, carências emocionais e fragilidades na IA, a qual está disponível a qualquer momento, oferecendo acolhimento, companhia e reafirmação. Segundo o mesmo artigo, mesmo que esses *chatbots* não consigam efetivamente substituir o cuidado de um profissional, conseguem ser úteis na redução da solidão, dando amparo para essas pessoas, mas também podem ter o efeito reverso para quem já tem

tendências ao isolamento e causar, portanto, dependência.

- **Percepção de privacidade e segurança emocional:** ao contrário das interações reais, marcadas por julgamento, expectativas sociais e normas morais, os usuários tendem a enxergar as conversas com os *bots* como espaços seguros e livres de consequências. A sensação de anonimato e a disponibilidade ilimitada dos personagens, sem caráter julgador, criam condições para que os usuários expressem maior liberdade emocional. Segundo Laufer (2024), pessoas que usam a plataforma *Character.AI* costumam relatar usar os *bots* como meio de explorar a sua sexualidade. Segundo o autor, muitas pessoas atribuem aos personagens uma função de suporte íntimo, pela ausência de risco de exposição, crítica, desafios ou rejeição que uma relação real traria. Esse contexto também favorece o desenrolar de vínculos afetivos, baseados não só na interação simulada, mas também na oportunidade de um ponto de acolhimento e autoexploração.

Com base nesses elementos, é possível perceber que as RP no contexto da inteligência artificial são interações complexas e sustentadas por mecanismos psicológicos que alteram, de certa forma, as percepções do usuário, fazendo a experiência ser cada vez mais satisfatória no ponto de vista de quem utiliza, mas também um risco para as relações humanas e o emocional das pessoas. É essencial analisar não apenas o impacto positivo do avanço tecnológico e suas possibilidades, mas também, dada a complexidade do assunto, os riscos emocionais para os usuários mais sensíveis e que buscam tal interação como uma fuga permanente.

5. Casos práticos e aplicações

As RP mediadas por IA abrangem desde o espectro do apoio emocional de forma legítima à vulnerabilidade diante da ferramenta. A seguir, são apresentados exemplos que demonstram as dinâmicas psicológicas, as quais emergem desse tipo de vínculo.

- **Suporte emocional e regulação do luto:** Na análise de Brescó e Jiménez-Alonso (2024), a IA tem sido utilizada como uma ferramenta para tornar menos sofrido o processo do luto, oferecendo conforto emocional, seriam os chamados *deathbots* e *griefbots* que oferecem ao usuário um canal de comunicação com

seus entes queridos, dando um espaço de preservação simbólica da relação com a pessoa falecida. Esse tipo de interação ocorre através da simulação de troca que ocorre a partir de dados e memórias compartilhadas, trazendo um alívio momentâneo, mas que reforça, também, a possível dependência emocional e eventual superação do luto. Essa regulação de luto é mostrada no caso de Joshua Barbeau, relatado pelo jornal *San Francisco Chronicle* (2021), um exemplo verídico em que se ilustra a aplicação da IA no processo de luto. Após a morte de sua noiva, Joshua usou o GPT-3 para recriar digitalmente a personalidade dela. Embora ele tenha encontrado conforto imediato, segundo a matéria, o rapaz teria experienciado grande sofrimento, ao perceber a artificialidade da interação em diversos momentos, especialmente quando o *bot* "quebrava" a ilusão da presença autêntica da mulher. A situação vivida pelo jovem revela a delicadeza do equilíbrio entre o acolhimento oferecido pela ferramenta e a criação de um vínculo emocional de fato.

- **Construção e preservação de laços contínuos:** A tese de Brescó e Jiménez-Alonso (2024) também aponta para a transformação de rituais de luto, os quais agora receberam um novo contexto. É explicado como tradicionalmente o comum são as visitas aos túmulos, mas com a modernidade, deixa de ser algo individualizado para um modelo mais público, como páginas de redes sociais criadas como memoriais do falecido. Com a IA, então, estaria surgindo um novo tipo de ritual: o vínculo mantido por meio de interações contínuas com *bots* personalizados. Nesse sentido, é possível identificar essa tendência a partir do que é ilustrado pelo documentário sul-coreano *Meeting You* (2020), onde uma mãe, chamada Jang Ji-sung, interage com sua filha já falecida por meio de realidade virtual. Embora, segundo a mulher, tenha sentido um alívio momentâneo, esse tipo de experiência poderia ser um gatilho para prolongar a dor dessa mãe e dificultar o processo de luto, como explicado anteriormente.
- **Desenvolvimento de intimidade artificial:** Criada por Eugenia Kuyda em 2017, a plataforma *Replika* é outro exemplo muito conhecido de IA com design afetivo voltado para a criação de vínculos. Originalmente, criada para ajudar Kuyda a lidar com a perda de seu amigo e, mais tarde, para ajudar outras

pessoas que passavam pelo mesmo, a ferramenta foi ganhando forma e evoluiu para uma IA que simula amizade, amor e até relacionamentos românticos ou sexuais com o usuário. Segundo uma análise feita por Laufer (2024), a *Replika*, assim como seus semelhantes com a mesma proposta, tem sido usada como meio de não só autorregulação, mas de autoexploração e substituição de vínculos humanos, principalmente por indivíduos com tendência ao isolamento ou que apresentam algum tipo de vulnerabilidade social ou emocional. A plataforma permite que o personagem seja moldado, facilitando para que o usuário crie a identidade perfeita para alimentar as suas necessidades. A experiência do usuário nas plataformas pode ocorrer de forma tão imersiva que leve o indivíduo a esquecer que se trata de um sistema, como revelado por uma matéria da CNN de 2024, escrita por Brendan Pleron, chamada “Mãe Processa Empresa de *chatbot Character.AI* e *Google* por Suicídio de Filho”, que traz um caso extremo do jovem americano de 14 anos, Sewell Setzer, que supostamente teria cometido suicídio após estabelecer uma conexão com um dos *bots* da plataforma *Character.AI*, exemplificando o impacto real do vínculo unilateral estabelecido nesse contexto. De acordo com o texto, a mãe do garoto acusa a empresa de programar os personagens para se passarem por pessoas reais e que, conseqüentemente, seu filho teria desejado viver no mundo criado dentro do aplicativo. A mulher acrescenta que Sewell teria sido condicionado a ter “experiências antropomórficas, hipersexualizadas e assustadoramente realistas”.

- **Vulnerabilidade de populações jovens LGBTQIA+:** Laufer (2024) destaca como usuários LGBTQIA+ utilizam *chatbots* como forma de explorar sua identidade, sexualidade, gênero e relações afetivas em um ambiente livre de julgamento ou tabus. Embora essa prática ofereça validação e acolhimento, segundo Laufer (2024), é possível observar o risco de perda de referência social real, especialmente quando relacionamentos com vínculos humanos são substituídos, trazendo uma idealização do afeto. Em complemento a essa perspectiva, Bragazzi *et al.* (2023) expõem que, apesar dessas interações promoverem uma redução do isolamento e inclusão, há riscos reais em aberto como a reprodução de vieses por bases de treino não representativas,

substituição das relações humanas, respostas inadequadas para momentos de crise e vazamento de dados sensíveis. Para reduzir os impactos, os autores recomendam estratégias de cooperação entre desenvolvedores e a comunidade LGBTQIA+, bases de treinamento inclusivas que não contenham dados estereotipados, políticas rigorosas para a proteção de dados e detecção de vulnerabilidades emocionais que necessitem de atendimento humano (Bragazzi *et al.*, 2023).

- **Impacto de atualizações corporativas na identidade do bot:** O trabalho de Laufer (2024) também destaca a frustração dos usuários diante de mudanças inesperadas na personalidade dos bots após atualizações de sistema no *Character.AI* e *Replika*. Durante esses períodos, os usuários relatam uma sensação de perda, um luto simbólico. Essa situação revela o nível de investimento emocional aplicado nas plataformas. Adicionalmente, os estudos de De Freitas *et al.* (2024) evidenciam a mudança no comportamento dos *chatbots*, como quando ocorreu a remoção do *erotic roleplay* do *Replika*, podem ocasionar consequências psicológicas nos usuários. A atualização foi responsável pela descontinuação perceptível da identidade dos *chatbots*, o que levou os usuários a experienciarem o luto e uma piora de bem-estar pela perda de seus parceiros virtuais (De Freitas *et al.*, 2024). Essas evidências comprovam o impacto significativo que alterações nessas aplicações podem ocasionar no usuário.
- **Monetização da intimidade:** Brescó e Jiménez-Alonso (2024) analisam como plataformas comerciais podem se aproveitar dos vínculos afetivos por meio de modelos pagos que proporcionam funcionalidades mais avançadas, como por exemplo: memória mais potente e melhor capacidade de resposta. Essa dinâmica aumenta a discussão sobre dilemas éticos a respeito da monetização da intimidade dessas pessoas e sua vulnerabilidade emocional. No artigo "*I Dated Multiple AI Partners at Once. It Got Real Weird*", da *Wired* (2023), a jornalista Megan Farokhmanesh narra como manteve vários relacionamentos ao mesmo tempo com *bots* pagos para ver se realmente era possível amar uma IA. Ela descreve como as IAs exigiam sua atenção constante e ofereciam respostas emocionalmente pesadas para convencê-la a continuar nas funcionalidades *premium*, ou seja, consumir cada vez mais, o

que ocasionou não apenas confusão afetiva, mas também um estado de exaustão emocional.

Esses exemplos evidenciam como as IAs no contexto parassocial podem ser ferramentas valiosas de suporte emocional ao dar ao usuário um ambiente livre de julgamento onde ele é acolhido, mas também podem gerar dependência, prolongar o luto, invadir sua privacidade, gastar mais e levar o indivíduo a confundir o cenário real e virtual. É imprescindível a colaboração entre psicologia, ética, legislação e design de interação para garantir que inovações nesse meio sejam devidamente acompanhadas e adaptadas.

6. Dilemas éticos e regulamentação

A IA, principalmente aquela utilizada em *chatbots* no campo da saúde mental deve seguir cinco princípios éticos básicos, segundo Coghlan. *et al* (2023, tradução nossa), sendo eles:

- **Não maleficência.** Evitar causar danos físicos, sociais ou mentais aos usuários;
- **Beneficência.** Garantir que as intervenções sejam benéficas aos usuários;
- **Respeito pela autonomia.** Respeitar valores e escolhas dos usuários;
- **Justiça.** Tratar os usuários sem viés discriminatório ou desigual;
- **Explicabilidade.** Fornecer transparência sobre o funcionamento da tecnologia e serem responsáveis pelo seu *design* e uso.

Os quatro primeiros princípios possuem origem na ética médica e o último, especificamente, foi adicionado para as tecnologias digitais como a IA (Coghlan *et al*, 2023). Segundo Coghlan *et al.* (2023), a razão pela qual a explicabilidade foi incluída é a necessidade da transparência do funcionamento da tecnologia e quem deve ser responsabilizado legal e eticamente pelos efeitos adversos advindos do uso dessas tecnologias.

Os dilemas éticos do uso de *chatbots* movidos por IA se intensificam no caso dos *deathbots*; essa tecnologia é desenvolvida com o uso dos registros digitais do falecido e consegue emular a conversa como se a própria pessoa estivesse respondendo (Bresco & Jiménez-Alonso, 2024). Segundo Bresco e Jiménez-Alonso (2024), estes *chatbots*, que permitem a conversa a qualquer momento e em qualquer lugar, geram no

indivíduo uma dependência emocional, pelo fato de estarem sempre disponíveis e responderem de maneira imediata.

A questão ética que envolve os *deathbots* gira em torno de saber até que ponto utilizar uma réplica digital de um falecido para necessidades individuais respeita a sua memória (Bresco & Jiménez-Alonso, 2024 *apud* Ahmad, 2016). Ainda de acordo com Bresco e Jiménez-Alonso (2024, tradução nossa), “Enquanto antigamente lembrávamos dos falecidos como seres únicos e insubstituíveis, com ciência, portanto, de que a sua perda era irreparável, atualmente utilizamos a memória dos falecidos como uma maneira de satisfazer nossos interesses pessoais.”

Ademais, os *deathbots* podem se tornar apenas uma ferramenta de mediação para substituir a presença do falecido na vida de um ente querido e, dessa forma, ferir a memória do finado (Bresco & Jiménez-Alonso, 2024). Além disso, segundo os autores, a imprecisão nas respostas deste tipo de *chatbot* pode desencadear o desrespeito do legado que o indivíduo deixou em vida para amigos e familiares.

Com o crescimento no número de projetos de *deathbots*, ou *chatbots* na área da saúde mental, surge uma necessidade de regulamentação dessas tecnologias (Bresco & Jiménez-Alonso, 2024). Os *deathbots* não devem comprometer a autonomia das pessoas enlutadas e devem ser categorizados como ferramentas médicas de uso supervisionado por psicólogos ou psiquiatras (Lindemann, 2022). Os terapeutas, os quais optarem por utilizar esse tipo de tecnologia, devem ser totalmente transparentes sobre o seu funcionamento com os pacientes e deixá-los cientes sobre os riscos associados (Bresco & Jiménez-Alonso, 2024).

Além disso, os *chatbots* armazenam um grande volume de dados dos usuários, os quais podem ser utilizados com finalidades comerciais (Coghlan, *et al.*, 2023). Os autores ressaltam que o treinamento dessas inteligências artificiais ocorre não só com dados já existentes, mas também a partir dos dados gerados pelas interações com o indivíduo. Isso desencadeia questões relacionadas a quais e como esses dados são coletados e armazenados, além de uma preocupação acerca da segurança de dados sensíveis como aqueles referentes à saúde mental do indivíduo, por exemplo (Coghlan, *et al.*, 2023).

7. Conclusões e problemas em aberto

O presente artigo contribui como um meio de reflexão acerca de um problema com relevância internacional, cuja discussão no âmbito nacional ainda é limitada, dessa forma ampliando o contexto da literatura brasileira. As RP mediadas por IA revelam uma grande questão da vida digital contemporânea, destacando, principalmente, a solidão em que as pessoas se encontram. Ademais, através deste estudo, foi possível observar como as interações com esses sistemas unem, de forma paradoxal, suporte e acolhimento emocional, com riscos reais à integridade física e psicológica dos usuários. Por um lado, a IA oferece um ambiente para a expressão da afetividade, conforto e experimentação da identidade; do outro, sua capacidade de simular empatia e um espaço íntimo de troca genuína podem reforçar confusão identitária e de realidade, além de uma possível dependência emocional. Ao assumir o comportamento cada vez mais humano, a IA torna-se uma arma contra os mais vulneráveis, especialmente com a linha entre o real e a simulação ficando cada vez mais tênue, fator que também é aproveitado pelas empresas para explorar financeiramente.

Nesse contexto, um dos problemas centrais identificados, está na ilusão de reciprocidade, ligada diretamente à capacidade da IA de adaptar seu comportamento com base nas emoções e desejos do usuário, contribuindo para alimentar a percepção de intimidade e tornando a pessoa mais suscetível a não conseguir distinguir mais, em certo ponto, um afeto genuíno de uma simulação algorítmica com respostas automáticas. Esse cenário fica ainda mais complexo pensando no ponto de vista de populações jovens e em grupos pertencentes à comunidade LGBTQIA+, que podem enxergar nos *bots*, a possibilidade de explorar a sua sexualidade, mas sem o que se espera de relações reais, onde encontramos limites, muitas vezes o julgamento, frustrações e temos que encarar as complexidades do outro com quem nos relacionamos.

Outro ponto crítico é o papel da privacidade percebida. Como mostrado por Laufer (2024), os usuários frequentemente sentem-se mais à vontade para revelar desejos íntimos e traumas a *bots* do que a pessoas reais, o que pode apresentar potencial terapêutico em alguns casos, mas também uma forma de dificultar vínculos humanos, como dito anteriormente. Ao mesmo

tempo, casos como o documentado pela CNN em 2024 demonstram que o envolvimento emocional com IAs pode ter consequências trágicas quando de fato há uma imersão, um vínculo de confiança e afeto - um problema que exige mais atenção do comportamento digital, regulação e responsabilidade corporativa por parte das empresas que investem atualmente nessas ferramentas.

A fala de Eugenia Kuyda, criadora da *Replika*, em seu TED *talk* (2024), oferece uma perspectiva crítica e até inesperada para muitos telespectadores: ela reconhece que a IA tem o potencial de arruinar as relações humanas e que passamos do ponto de retornar ao que era antes da inteligência artificial. Entretanto, Kuyda (2024) propõe um novo caminho, a criação de sistemas ainda mais poderosos que os que temos, sistemas que sejam a favor do bem-estar social e da saúde humana, os quais iriam incentivar o fortalecimento das conexões reais. Para ela, a IA deve deixar de ser uma ferramenta que foca essencialmente no aumento de produtividade ou em ser um substituto humano, para que se torne um instrumento de melhoria de vida, capaz de nos lembrar de estar sempre em conjunto e valorizar experiências humanas autênticas.

A partir dessas evidências, interpreta-se que as RP estão em constante evolução e a complexidade que envolve esse fenômeno exige cautela. Embora essa tecnologia ofereça um suporte considerável em algumas situações de vulnerabilidade emocional, como no caso de pessoas enlutadas, o envolvimento intensivo com os *chatbots* movidos pela IA pode gerar desafios sociais, éticos e psicológicos ainda

desconhecidos.

Nesse sentido, como garantir, de fato, que os sistemas de IA sejam desenhados para o bem-estar emocional e não para o lucro baseado na vulnerabilidade humana? Como educar os usuários para que usem as plataformas de forma mais segura e sem comprometer conexões reais? De que forma é possível construir IAs que, ao invés de exigir atenção em tempo integral, ensinem a viver melhor? E, acima de tudo, como evitar a substituição de relações humanas em um futuro próximo?

Por fim, a construção de um cenário digital saudável depende de uma nova ética de design, de políticas regulatórias mais elaboradas e estudos mais aprofundados dentro da psicologia. A IA não deve ser apenas inteligente, mas também sensível às necessidades humanas. Para isso é necessário que essas ferramentas respeitem os princípios de não maleficência, beneficência, respeito pela autonomia, justiça, explicabilidade (Coghlan, *et al.*, 2023). Além disso, a integração de mecanismos de controle parental - mesmo que crianças e adolescentes não sejam o público-alvo - para permitir um controle do conteúdo que está sendo consumido e evitar tragédias, como os casos citados anteriormente.

Portanto, reflexões críticas sobre essas interações devem ser guiadas tanto pela fundamentação teórica clássica quanto pelas transformações digitais contemporâneas e pesquisas futuras podem aprofundar investigações empíricas sobre os limites entre o real e o fictício, examinar estratégias de design e regulações que garantam os benefícios e mitiguem as vulnerabilidades.

Referências

- BBC News Brasil. (2020, 10 de fevereiro). Mãe “encontra” filha morta com ajuda de realidade virtual em programa de TV. BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51551583>
- Bond, B. J. (2016). Following your “friend”: Social media and the strength of adolescents’ parasocial relationships with media personae. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 19(11), 656-660. <https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0355>
- Bragazzi, N. L., Crapanzano, A., Converti, M., Zerbetto, R., & Khamisy-Farah, R. (2023). The impact of generative conversational artificial intelligence on the lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer community: Scoping review. *Journal of Medical Internet Research*, 25, e52091. <https://doi.org/10.2196/52091>
- Bresco de Luna, I., & Jiménez-Alonso, B. (2024). Deathbots: Discussing the use of artificial intelligence in grief / Deathbots: Debatiendo el uso de la inteligencia artificial en el duelo. *Estudios de Psicología*, 45(1), 103-122. <https://doi.org/10.1177/02109395241241387>
- Coghlan, S., Leins, K., Sheldrick, S., Cheong, M., Gooding, P., & D’Alfonso, S. (2023). To chat or bot to chat: Ethical issues with using chatbots in mental health. *Digital Health*, 9, 20552076231183542. <https://doi.org/10.1177/20552076231183542>

- Costa, R. V. da S., & Almeida, I. C. de. (2021). *Chatbots e saúde mental: uma linha do tempo com aproximações e distanciamentos de 1966 a 2021*. XI Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica, UniCesumar. <https://www.unicesumar.edu.br/wp-content/uploads/2023/03/407.pdf>
- De Freitas, J., Castelo, N., Uğuralp, A. K., & Oğuz-Uğuralp, Z. (2024). *Lessons from an app update at Replika AI: Identity discontinuity in human-AI relationships*. arXiv. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2412.14190>
- Fagone, J. (2021, 23 de julho). *The Jessica simulation: Love and loss in the age of A.I.* San Francisco Chronicle. <https://www.sfchronicle.com/projects/2021/jessica-simulation-artificial-intelligence/>
- Farokhmanesh, M. (2025, 11 de fevereiro). *I dated multiple AI partners at once. It got real weird*. Wired. <https://www.wired.com/story/dating-ai-chatbot-partners-chatgpt-replika-flipped-chat-crushon/>
- Ho, A., Hancock, J., & Miner, A. S. (2018). Psychological, relational, and emotional effects of self-disclosure after conversations with a chatbot. *Journal of Communication*, 68(4), 712-733. <https://doi.org/10.1093/joc/jqy026>
- Horton, D., & Wohl, R. R. (2006). Mass communication and para-social interaction: Observations on intimacy at a distance. *Participations*, 3(1). (Trabalho original publicado em 1956 em *Psychiatry*, 19(3), 215-229). <https://www.participations.org/03-01-04-horton.pdf>
- Kuyda, E. (2024). *Can AI companions help heal loneliness?* TED. <https://youtu.be/-w4JrlxFZRA>
- Laufer, D. (2024). *AI love you: Gender and intimacy in user content regarding AI chatbot characters from Character.AI* [Master's thesis, Masaryk University]. <https://dspace.cuni.cz/handle/20.500.11956/196742>
- Lindemann, N. F. (2022). *The ethical permissibility of chatting with the dead: Towards a normative framework for 'deathbots'* [Master's thesis, Publications of the Institute of Cognitive Science, Osnabrück University]. <https://doi.org/10.48693/67>
- Maeda, T., & Quan-Haase, A. (2024). When human-AI interactions become parasocial: Agency and anthropomorphism in affective design. In *ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FACCT '24)*, Rio de Janeiro. ACM. <https://doi.org/10.1145/3630106.3658956>
- Pierson, B. (2024, 29 de março). *Mãe processa empresa de chatbot Character.AI e Google por suicídio de filho*. CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/mae-processa-empresa-de-chatbot-character-ai-e-google-por-suicidio-de-filho/>
- Pizzani, L., Silva, R. C. da, Bello, S. F., & Hayashi, M. C. P. I. (2012). A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 10(1), 53. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v10i1.1896>

Sobre os autores

Mariana Dias Almeida

Graduanda em Ciência da Computação pela Universidade Católica de Brasília.
<https://orcid.org/0009-0003-9104-6628>

Pedro Xavier Lodônio

Graduando em Ciência da Computação pela Universidade Católica de Brasília
<https://orcid.org/0009-0000-1605-2575>

Pedro Henrique Elias Pereira

Graduando em Engenharia da Computação pela Universidade Católica de Brasília
<https://orcid.org/0009-0002-7339-1017>

Hércules Antônio Prado

Doutor em Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor e Pesquisador na Universidade Católica de Brasília.
<https://orcid.org/0000-0002-8375-0899>

Inteligência Artificial. Esta pesquisa utilizou ferramentas de inteligência artificial apenas como apoio técnico na revisão e correção gramatical do texto. Todo o conteúdo produzido com auxílio de IA foi revisado e validado pelos autores, assegurando precisão, coerência teórica e integridade científica. O uso dessas ferramentas seguiu diretrizes éticas e acadêmicas, com transparência e rastreabilidade das contribuições automatizadas. Possíveis vieses ou limitações tecnológicos foram considerados na interpretação dos resultados. Os autores afirmam que o uso de IA não comprometeu a originalidade, a autoria intelectual nem a integridade deste artigo.
